As transformações da era digital e o impacto na economia da cultura do livro

Márcio Rogério Olivato Pozzer[1]
Camila Porsch da Cunha[2]

1 Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Campus Osório. E-mail: marcio.pozzer@osorio.ifrs.edu.br.

2 Graduanda do curso superior de Tecnologia em Processos Gerenciais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Campus Osório, com Bolsa de Iniciação Científica e/ou Tecnológica no Ensino Superior (BICTES). E-mail: cunhapcamila@gmail.com.

RESUMO

As novas tecnologias revolucionaram os padrões culturais da sociedade mundial, alterando cadeias produtivas, estabelecendo novos padrões de consumo e impactando a economia como um todo. No que tange à economia do livro, seu impacto tem resultado em modificações no mercado, como a inserção do *e-commerce* de livros, a criação do *e-book* e de editoras colaborativas. Assim, novos modelos de negócio surgem para que editoras e livrarias possam se manter no mercado pós-tecnologia, diante do significativo fechamento de livrarias "físicas". A partir da percepção de tais transformações e de sua contribuição na desintermediação das relações contidas na economia da cultura, discute-se o impacto dessas novas tecnologias na produção, circulação e fruição artística e cultural, tratando, de maneira mais específica, sobre os arranjos produtivos do livro e as mudanças nos hábitos culturais de parcela crescente de produtores e consumidores. Essas transformações não têm significado, necessariamente, maior democratização do acesso à produção e à fruição do livro.

Palavras-chave: *Novas tecnologias. Economia da cultura. Desintermediação. Livros.*

ABSTRACT

New technologies have revolutionized the cultural patterns of society, changing production chains, establishing new consumption patterns and impacting the economy as a whole. Regarding the book economy, its impact has resulted in changes in the market such as the appearance of e-commerce in books as well as the creation of e-books and collaborative publishers. Thus, new business models emerge so that publishers and bookstores can remain in the post-technology market, given the significant closure of "physical" bookstores. Based on the perception of such changes and their contribution to the decrease in intermediation in relations contained within the economy of culture, the impact of these new technologies on production, circulation and artistic and cultural enjoyment is discussed, more specifically the production arrangements of the book and the changes in cultural habits of a growing share of producers and consumers. Such transformations do not necessarily mean greater democratization of access to book production and enjoyment.

Keywords: *New technologies. Economy of culture. Disintermediation. Books.*

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento e a aplicação de tecnologias geram transformações políticas, econômicas e sociais de diferentes níveis. A partir da Revolução Industrial estes processos se aceleraram, criando um abismo entre o que era produzido no período anterior e o que passou a ser produzido posteriormente às mudanças tecnológicas, gerando o que Françoise Choay (2006, p. 127) chamou de ruptura em relação aos modelos tradicionais de produção e, portanto, na criação humana. Deste modo, a Revolução Industrial passou a aprofundar a dependência das relações cotidianas em relação à tecnologia, principalmente no que tange às relações de produção, desenvolvendo novos paradigmas, com novos hábitos e padrões de consumo.

Esses novos padrões causaram grande transformação na economia mundial, que passou a se basear sobretudo no consumo de bens de massa. Teixeira Coelho (2007, p. 9) vai um pouco além para localizar o surgimento da indústria cultural e estabelece, quase três séculos antes da Revolução Industrial, um marco fundante, que é o aparecimento da imprensa. Com isso, a partir do surgimento dos primeiros jornais, se "popularizou" o consumo de determinados bens culturais, como os romances de folhetim. E assim se

estabeleceu uma relação visceral, que perdura até a atualidade: a relação entre os meios de comunicação (de massa) e a produção artística e cultural, criando condições para o surgimento de uma cultura de massa.

As transformações políticas, econômicas e sociais seguiram o curso da história, potencializadas, é verdade, pelo surgimento dos meios de comunicação e, a partir da Revolução Industrial, por novas técnicas e tecnologias. Essas mudanças foram tão radicais quanto as vivenciadas a partir do final do século XX, com as inovações e revoluções empreendidas por meio do advento das tecnologias digitais e, sobretudo, da internet.

As modificações que todos os ramos das indústrias culturais atravessam ainda são objeto de poucas reflexões acadêmicas. (FERNÁNDEZ, 2015) Neste contexto, o presente trabalho busca jogar luz sobre as consequências das transformações no âmbito da produção, circulação e fruição cultural, mais especificamente sobre o bem cultural "livro" e seus arranjos produtivos.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho é desdobramento de uma pesquisa que vem sendo realizada no âmbito do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), em que se analisa o impacto das políticas públicas culturais na economia da cultura de pequenos municípios brasileiros, a partir do estudo de caso de cidades do litoral norte do Rio Grande do Sul, que cultiva como uma de suas principais políticas públicas, por exemplo, a promoção de feiras de livros, as quais, em algumas localidades, já são realizadas há mais de trinta anos – como é o caso de Osório, que em 2019 teve sua 34ª edição.

No decorrer do estudo, a pesquisa se deparou com questões fundamentais, que foram além do recorte inicial dos pequenos municípios e, de alguma forma, estão expressas neste texto, sendo a principal delas a centralidade das transformações tecnológicas nas mudanças dos hábitos culturais, nas relações de produção e,

portanto, nas cadeias produtivas – no caso, a do livro. Trata-se de uma pesquisa complexa, com dimensões qualitativas, quantitativas e bibliográficas, que analisa o funcionamento da economia da cultura de diversas manifestações artísticas e culturais, dentre elas a economia do livro.

Neste sentido, tem-se buscado identificar e definir, por meio de revisão bibliográfica, a cadeia produtiva do livro e como as novas tecnologias têm impactado sua dinâmica. A partir disso, através de entrevistas semiestruturadas com gestores públicos, empresários locais e autores da região, foi elaborado um diagnóstico da ocorrência dos arranjos produtivos na localidade. E, em termos nacionais, tem-se utilizado os dados disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) em conjunto com a Câmara Brasileira do Livro (CBL), por meio de pesquisas realizadas pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe).

De maneira concomitante, tem-se acompanhado as feiras de livros das cidades da região, eventos que se estabelecem como importantes políticas públicas promovidas pelas prefeituras e constituem, na maioria dos casos, o único canal de venda presencial de livros, uma vez que as cidades contam com cada vez menos livrarias. Neste acompanhamento, além dos aspectos formais observados, como a execução orçamentária, analisada por meio das leis orçamentárias anuais, vem sendo construído um banco de dados com as informações coletadas a respeito dos livros comercializados, valores praticados e perfil dos livreiros participantes. Por fim, por meio de simulações por amostragem, efetuou-se um breve diagnóstico dos preços praticados no comércio eletrônico, demonstrando algumas de suas características de acordo com questões regionais, sobretudo relacionadas ao frete e à oferta de títulos.

ECONOMIA DA CULTURA E AS TRANSFORMAÇÕES TECNOLÓGICAS

A economia da cultura é compreendida como todas as relações econômicas envolvidas na produção, circulação e fruição de bens culturais. Assim, se as transformações tecnológicas geram impacto nas relações políticas, econômicas e sociais em geral, não seria diferente nas relações artísticas e culturais.

Desta maneira, não se pode perder de vista as profundas modificações dos hábitos culturais decorrentes das seguidas transformações tecnológicas, sobretudo as promovidas a partir da Revolução Digital e radicalizadas com a massificação da internet, que impactaram a sociedade de maneira tão profunda que só podem ser comparadas às mudanças trazidas pela Revolução Industrial. A internet modificou padrões de produção, fruição (ou consumo) e circulação dos bens culturais, aprofundando um processo de desintermediação da economia que tem levado ao desaparecimento de uma série de funções profissionais e organizacionais, por exemplo, com o fechamento de rádios, lojas de disco, locadoras de filmes, cinemas de rua, teatros de rua e livrarias. Sendo assim, é evidente que as cadeias produtivas estão sendo modificadas e as relações econômicas estão se transformando, bem como a vida cultural das comunidades.

AS TRANSFORMAÇÕES TECNOLÓGICAS E O IMPACTO NA ECONOMIA DA CULTURA E DO LIVRO

O livro foi o primeiro dentre os bens culturais a sofrer um importante impacto a partir das mudanças tecnológicas que transformaram as relações econômicas envolvidas em sua cadeia produtiva. Isso se deu ainda no século XV, quando Johannes Gutenberg combinou elementos que permitiram a produção em escala de livros impressos, tornando-os rentáveis aos produtores e acessíveis para uma parcela maior de pessoas. Essa inovação mexeu com questões políticas e sociais, chegando a causar certas rupturas nas relações instituídas, que deixaram marcas profundas no mundo até os dias

atuais, como é o caso da Reforma Protestante, potencializada pela impressão de bíblias, para ficar apenas em um exemplo.

O maior acesso à alfabetização e a Revolução Industrial apenas potencializaram a expansão do "mercado" de livros, que, embora crescente, sofria, na mesma proporção, com o convívio de medidas restritivas, que censuravam parte de seus conteúdos. Esses problemas, que atravessaram séculos de história, persistem, em alguma medida, até a atualidade. Dentre as modificações decorrentes dos avanços tecnológicos nos últimos anos, por um lado, destacam-se a inserção do livro digital no mercado editorial nacional e internacional e, por outro lado, as transformações substantivas que as atividades comerciais vêm sofrendo em seus paradigmas, sobretudo por conta da expansão do comércio eletrônico. Isso não é, evidentemente, uma especificidade do mercado de livros, como citado, mas este, como outros tantos segmentos, tem sido profundamente afetado.

Ressalta-se que não são apenas os livros novos que podem ser adquiridos pela internet. Existem também sebos "virtuais" que comercializam livros usados. Estes se somam à venda de uma "nova" modalidade de livros, os *e-books* que, aliados a um modelo de editoras "colaborativas" – que também passaram a figurar no mercado –, retomam uma "antiga" promessa, nascida com o advento da internet, de abrir espaço para um processo com potencial de democratização do acesso à produção e ao consumo de conteúdos, no caso, de livros.

Contudo, os buscadores da internet e sites "especializados" impõem seus próprios filtros para os públicos que atendem. Conhecidos como *gatekeepers*, os filtros utilizados na criação dos chamados "nichos cativos" são algoritmos de monitoramento que sites de venda usam para armazenar dados dos usuários, tornando possível o direcionamento de suas pesquisas de acordo com o "perfil de consumidor", de modo que ofereçam sempre produtos semelhantes. Desta forma, as lojas virtuais conseguem direcionar e disparar ofertas baseadas

nos "gostos" prévios de seus clientes. Até aí, nenhuma novidade: podemos considerar esse recurso legítimo já que, de certa maneira, "sempre foi assim", na medida em que os comerciantes escolhem o que fica exposto na prateleira. Mas com a tendência monopolista se acentuando no capitalismo contemporâneo, sobretudo com as gigantes da internet – Google, Apple, Facebook e Amazon (GAFA) –, os filtros impostos por elas não respeitam mais fronteiras físicas e chegam a passar desapercebidos, ficando "escondidos" atrás de uma suposta liberdade que a internet promete fornecer a seus usuários, mas é falsa, uma vez que as "bolhas" têm se fechado cada vez mais por ação desses algoritmos "inteligentes", que acabam restringindo novas experiências e novas oportunidades aos usuários da internet. Além disso, a variável "geográfica" é fundamental na geração de algumas desigualdades, uma vez que livrarias e lojas virtuais que comercializam tanto livros físicos quanto *e-books* precisam cobrar o frete de entrega desses produtos. Ainda que algumas livrarias virtuais ofereçam opções para retirada do produto em loja física, majoritariamente trabalham com entrega em domicílio. Desta forma, observa-se que os fretes praticados por esse tipo de comércio "penalizam" as cidades fora dos grandes centros urbanos, restringindo o acesso aos livros por seu alto valor de compra, fator que, em se tratando de pequenos e médios municípios brasileiros, se soma à falta de equipamentos culturais acessíveis à parte da população mais vulnerável, bem como ao recente fechamento de livrarias.

Em simulação efetuada pelos próprios autores, conforme a Tabela 1, na compra da obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, nas livrarias Amazon, Saraiva e Livraria Cultura, constatou-se que os valores de frete praticados pela Livraria Cultura apresentaram o maior custo de entrega aos consumidores. Analisou-se que, em relação às capitais (Porto Alegre, São Paulo e Macapá), o valor cobrado pode aumentar em até 36,65% para entrega nas cidades do interior que participaram do estudo (Osório, Campos do Jordão e Oiapoque). Nas demais livrarias consultadas, o valor de

frete permaneceu o mesmo para as capitais e cidades de interior. Entretanto, houve variação discrepante no custo do serviço de um estado para o outro, como no caso do estado de Amapá, onde, comparado ao estado de São Paulo, o custo de frete foi elevado em até 135,7%. Nesse sentido, na compra de livros físicos em livrarias virtuais, o custo do frete pode encarecer o produto em até 53,1% nas cidades de Porto Alegre e Osório, 36,9% em São Paulo e Campos do Jordão, e 101,7% em Macapá e Oiapoque, levando em consideração o preço máximo do livro simulado, que foi de R$ 30,80 (mesma editora e mesma edição).

Tabela 1 – Simulação de valores de frete praticados por livrarias virtuais

CIDADE (UF)	LIVRARIA	VALOR DO LIVRO	TIPO DE FRETE	PRAZO DE ENTREGA	VALOR DO FRETE
Osório (RS)	Amazon	R$ 27,71	Entrega padrão	8 dias úteis	R$ 7,90
Porto Alegre (RS)	Amazon	R$ 27,71	Entrega padrão	5 dias úteis	R$ 7,90
Osório (RS)	Saraiva	R$ 30,80	Econômico	10 dias úteis	R$ 8,59
Porto Alegre (RS)	Saraiva	R$ 30,80	Econômico	5 dias úteis	R$ 8,58
Osório (RS)	Livraria Cultura	R$ 27,71	Econômico	11 dias úteis	R$ 16,62
Porto Alegre (RS)	Livraria Cultura	R$ 27,71	Econômico	8 dias úteis	R$ 13,47
São Paulo (SP)	Amazon	R$ 27,71	Entrega padrão	5 dias úteis	R$ 4,90
Campos do Jordão (SP)	Amazon	R$ 27,71	Entrega padrão	10 dias úteis	R$ 7,90
São Paulo (SP)	Saraiva	R$ 30,80	Econômico	4 dias úteis	R$ 6,19
Campos do Jordão (SP)	Saraiva	R$ 30,80	Econômico	7 dias úteis	R$ 6,19
São Paulo (SP)	Livraria Cultura	R$ 27,71	Econômico	5 dias úteis	R$ 9,27
Campos do Jordão (SP)	Livraria Cultura	R$ 27,71	Econômico	8 dias úteis	R$ 11,37
Macapá (AP)	Amazon	R$ 27,71	Entrega padrão	30 dias úteis	R$ 11,90
Oiapoque (AP)	Amazon	R$ 27,71	Entrega padrão	30 dias úteis	R$ 11,90
Macapá (AP)	Saraiva	R$ 30,80	Econômico	9 dias úteis	R$ 14,59
Oiapoque (AP)	Saraiva	R$ 30,80	Econômico	13 dias úteis	R$ 14,59
Macapá (AP)	Livraria Cultura	R$ 27,71	Econômico	14 dias úteis	R$ 22,92
Oiapoque (AP)	Livraria Cultura	R$ 27,71	Econômico	20 dias úteis	R$ 31,32

Fonte: Elaboração própria (2020).

Um fator determinante tem se instalado no mercado de livros ao longo dos últimos anos: o fechamento de livrarias. A partir de dados da Relação Anual de Informações Sociais (Rais), do Ministério da Economia, a Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) realizou um levantamento do número de livrarias e papelarias em funcionamento no Brasil entre 2007 e 2017, e concluiu que nesses dez anos foram fechados cerca de 21 mil estabelecimentos do gênero. (PESQUISA..., 2018)

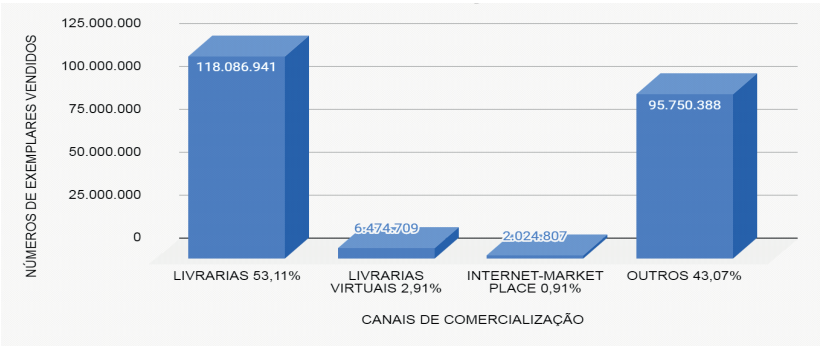
Diante desse novo contexto para o mercado de livros, se faz necessário abordar as consequências socioeconômicas que o fechamento de livrarias pode causar, uma vez que se insere em uma dinâmica econômica e social que tem impactado as relações comerciais em geral, protagonizadas pela expansão do comércio eletrônico e retração do comércio "tradicional", aquele realizado presencialmente, principalmente nas lojas "de rua", fora dos shoppings centers. Assim, essa transformação se apresenta de forma diferente nos grandes centros e nas pequenas cidades.

Sobre a expansão do comércio eletrônico, não se pode deixar de mencionar que apenas 67% dos domicílios brasileiros declararam ter acesso a internet no ano de 2018, conforme dados da *Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros* (NÚCLEO DE INFORMAÇÃO E COORDENAÇÃO DO PONTO BR, 2019) – um grande avanço em comparação ao ano de 2008, quando esse percentual era de apenas 18%. Entretanto, permanece um grande desafio para a democratização do acesso no que se refere à formulação de políticas públicas no setor, visto que, em sua maioria, o percentual de domicílios sem acesso à internet corresponde a pessoas em situação de maior vulnerabilidade socioeconômica, como famílias com renda familiar *per capita* de até 1,5 salário mínimo.

Apesar da complexidade do cenário em que o comércio eletrônico está sendo inserido, ao analisar as livrarias exclusivamente virtuais é possível observar que seu percentual tem crescido, ainda que

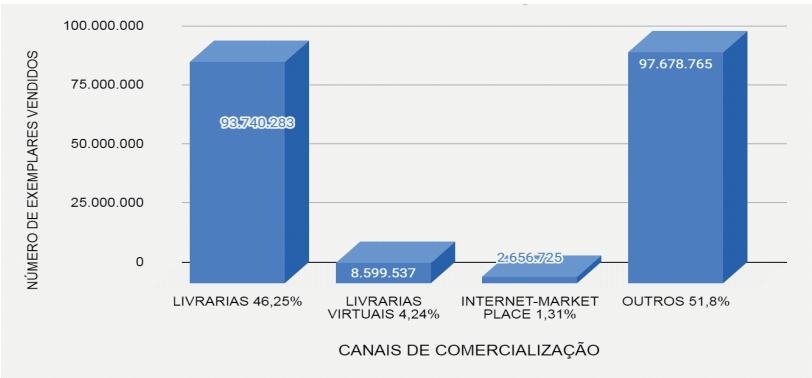
lentamente, no mercado editorial brasileiro. Segundo dados apresentados pelo relatório de *Produção e vendas do setor editorial brasileiro 2018* ([2019]), desenvolvido pela Fipe, CBL e pelo SNEL, em se tratando dos canais de comercialização, as livrarias exclusivamente virtuais venderam, em 2018, 8.599.537 exemplares. Assim, sua participação passou de 2,91%, em 2017, para 4,24% do mercado no ano de 2018, conforme ilustram as Figuras 1 e 2. Estima-se que as livrarias exclusivamente virtuais faturaram cerca de R$ 125 milhões em 2018, o que representa um crescimento de 25,2%, aproximadamente, em relação ao ano anterior.

Figura 1 – Percentual da participação de vendas no mercado em 2017 por canais de comercialização



Fonte: Elaboração própria (2020) com base no relatório de *Produção e vendas do setor editorial brasileiro 2018* ([2019]).

Figura 2 – Percentual da participação de vendas no mercado em 2018 por canais de comercialização



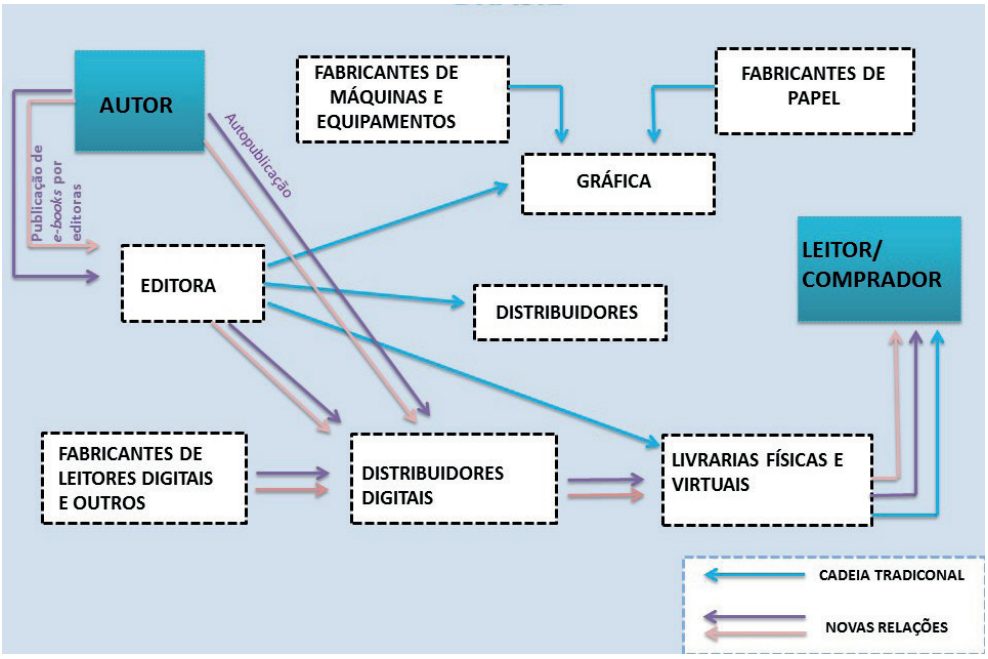
Fonte: Elaboração própria (2020) com base no relatório de *Produção e vendas do setor editorial brasileiro 2018* ([2019]).

No entanto, mesmo que as livrarias exclusivamente virtuais representem um pequeno percentual no mercado editorial, esse setor vem administrando uma inovação que altera profundamente a natureza de seu produto e impacta, em variados aspectos, todas as suas atividades e as de sua cadeia produtiva, conforme analisa Mello (2012). A reação do setor, de acordo com números, mostra-se preocupante, na medida em que o mercado editorial atravessa sucessivas quedas no percentual de faturamento dos exemplares vendidos, bem como o crescente fechamento de livrarias, já citado anteriormente. Um exemplo do cenário atual é a crise enfrentada pela rede de livrarias Saraiva, que passa por recuperação judicial e, somente no ano de 2018, teve prejuízo acumulado de R$ 106,9 milhões. (VALOR ONLINE, 2019)

Com isso, é prematuro apontar que dispositivos como *e-readers*, *tablets*, Kindle e similares, *softwares* e demais *hardwares* desenvolvidos especificamente para a leitura dos *e-books* sejam responsáveis por mudanças de hábitos de leitura dos brasileiros. Mas é correto afirmar que essas tecnologias instituíram novos elementos na cadeia produtiva do livro e que, de alguma maneira, sua comercialização passa a servir como uma espécie de termômetro de vendas

do mercado editorial. Recentemente, clubes de livro por assinatura têm conquistado espaço no comércio de livros através de ferramentas *e-commerce*. Essa iniciativa oferece novas experiências literárias a seus assinantes, que recebem uma obra literária em casa todos os meses. Essa "nova modalidade" que se insere na cadeia produtiva de livros passou a integrar o relatório de *Produção e vendas do setor editorial brasileiro* em 2018, quando comercializou 2.187.531 exemplares de livros, o equivalente a 1,08% de participação no setor. (PRODUÇÃO..., 2019) Na Figura 3 é possível visualizar modificações resultantes da inserção de novas tecnologias no mercado editorial, sobretudo a partir do comércio eletrônico, as quais alteraram o fluxo da cadeia produtiva do livro no Brasil.

Figura 3 – A cadeia produtiva do livro no Brasil



Fonte: Elaboração própria (2020), adaptada de gráfico do Banco Nacional do Desenvolvimento (2016).

O modelo de negócio que se tem desenhado no Brasil a partir dessas tecnologias é a adoção de marcas fixas de leitores de *e-books* para cada grande livraria, na perspectiva de fidelizar o cliente e, evidentemente, efetuar vendas casadas, uma vez que o aparelho tem um valor unitário muito mais elevado do que os livros em geral. Vale destacar ainda que nenhum desses aparelhos foi desenvolvido por empresas nacionais, como no caso do Kindle, criado pela gigante Amazon há cerca de 20 anos. Entretanto, conforme apontam Ferreira, Miranda e Moras (2018) em pesquisa realizada com quatro grandes editoras, percebe-se que a difusão do uso de equipamentos *e-reader* não alcançou ainda público suficiente em relação aos seus competidores de mercado – *tablets* e celulares, por exemplo.

As transformações tecnológicas e as gradativas alterações dos hábitos culturais introduziram também mudanças significativas no mercado editorial que, em tese, alargaram as possibilidades de publicar livros. Tais transformações contribuíram também para o advento do processo de desintermediação econômica na cadeia produtiva. Conforme aponta Mello (2012, p. 447), além dos trâmites tradicionais, os autores agora se encontram diante da possibilidade de autopublicação ou "*self-publishing*". Essa nova modalidade pode ocorrer através de canais virtuais disponibilizados por serviços oferecidos no mercado, como editoras ou até mesmo lojas on-line – destacando-se a Amazon –, o que amplia as possibilidades de colocar obras ao alcance do público, bem como de aumentar o "leque" de escritores no mercado, por conta da menor dependência das editoras. No entanto, conforme aponta Fernández (2015, p. 348, tradução nossa), a liderança do mercado editorial por empresas americanas, tais como a Amazon, surge a partir da criação de "nichos cativos", nos quais as limitações tecnológicas dificultam a entrada e permanência de pequenas e médias empresas no ainda chamado setor editorial, facilitando a dominação de poucos atores no segmento.

Ainda assim, dados divulgados pela CBL demonstram que, efetivamente, a promessa de maior viabilidade para publicação de novos títulos através da expansão das "facilidades" tecnológicas não tem se concretizado em números. Entre os anos de 2017 e 2018, a quantidade de títulos lançados no Brasil sofreu uma variação de –4%, o que corresponde a uma diferença negativa de 2.051 títulos em 2018, considerando os 48.879 novos títulos de 2017. (PRODUÇÃO..., [2019]) Em comparação com outro período, no ano de 2014 esse número era 85,35% maior, com cerca de 60.829 novos títulos circulando pelas "prateleiras". (PRODUÇÃO..., [2016]) Além disso, no ano de 2018, o número total de exemplares produzidos no país sofreu uma queda de 11%, o que em termos absolutos significa uma redução de 43,37 milhões de exemplares em relação ao ano de 2017. (PRODUÇÃO..., [2019])

Tais dados demonstram que as "facilidades" de acesso à produção do livro geradas pelas novas tecnologias não têm sido necessariamente efetivas, não resultando na ampliação da oferta.

O PODER PÚBLICO E O SEU PAPEL NA ECONOMIA DO LIVRO

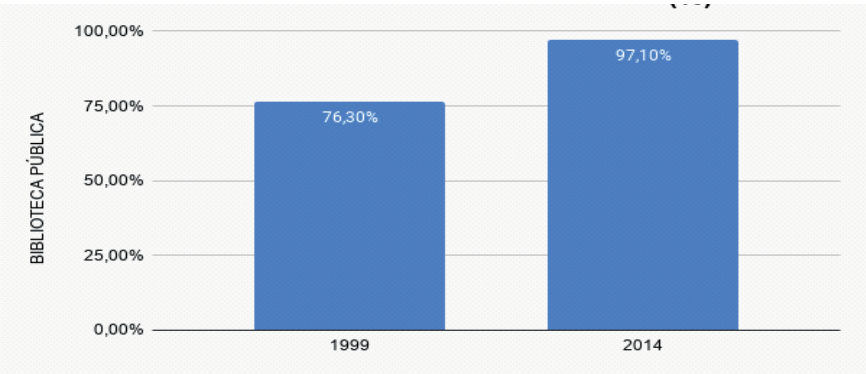
O papel desempenhado pelo poder público é central na economia da cultura, constituindo-se como um dos principais dinamizadores econômicos ou, em algumas localidades, o único. O poder público promove políticas que fomentam a produção artística e cultural, assim como sua fruição pela população. Desta maneira, prefeituras, governos estaduais, governo distrital e governo federal participam da economia da cultura adquirindo bens culturais, como apresentações de shows, espetáculos de dança, livros, entre outros; disponibilizando espaços e equipamentos que possibilitem o contato com as artes; formando público por meio de diversos instrumentos; e, inclusive, formando artistas por meio da educação formal e informal, entre outras ações, projetos e programas.

No que tange à economia do livro, destacam-se as aquisições de livros, sobretudo didáticos, pelo poder público, desempenhando

inclusive um papel "indutivo", ao pautar temas como o ensino de artes, sociologia, filosofia, história e cultura afro-brasileira e indígena, que, ao se tornarem componentes curriculares obrigatórios nas escolas, viram a produção de títulos e exemplares a esse respeito subirem sensivelmente. Além disso, merece destaque o papel que as bibliotecas desempenham, por serem o lócus em que a maioria da população pode vir a ter acesso a tais bens culturais. Estas, ainda que de maneira incipiente, passam a disponibilizar acervos digitais, com acesso a livros e revistas eletrônicas, até mesmo inaugurando novas modalidades de contratos entre bibliotecas, instituições e editoras.

Neste sentido, verifica-se que, dentre os equipamentos culturais, as bibliotecas públicas são os que se encontram melhor distribuídos pelo território nacional. Segundo dados do IBGE (2015), conforme ilustram as Figuras 4 e 5, a proporção de municípios brasileiros que possuíam biblioteca pública passou de 76,3%, no ano de 1999, para 97,1% em 2014, o que significa um crescimento de cerca de 27% nesse período, chegando próximo à "universalização" desse "serviço público". Ainda que os acervos e as condições dessas bibliotecas sejam muito díspares e desconhecidos, é inegável o avanço substancial em termos de política cultural.

Figura 4 – Percentual de municípios com o equipamento cultural biblioteca pública em 1999 e 2014



Fonte: Elaboração própria (2020) com base no IBGE (2015).

Contudo, em relação às transformações tecnológicas abordadas até aqui, o poder público tem desempenhado papel tímido. Além do acesso a acervos digitais, como citado acima, oferecido por algumas bibliotecas públicas que, via de regra, estão concentradas em instituições universitárias, pode-se apontar a disponibilidade de *wi-fi* gratuito em praças e outros equipamentos públicos, ofertado por muitos municípios brasileiros, além de casos escassos de regulamentações urbanas que visam fomentar equipamentos culturais de rua (fora de shoppings centers), como cinemas, teatros e, mais recentemente, livrarias, através de isenções fiscais, como do Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU).

É relevante apontar a importância do papel que as crescentes e, em algumas localidades, persistentes feiras de livros têm desempenhado perante as políticas públicas promovidas pelos governos, sobretudo municipais. Tais políticas são variadas, de acordo com as localidades, diferindo em suas dimensões, na forma como as editoras participam e, principalmente, nos resultados efetivamente obtidos. O certo é que, em todos os casos, a "formação de público" tem centralidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transformações tecnológicas estão em curso permanentemente e não há perspectiva de cessarem. Assim, seus impactos são sentidos no cotidiano, carecendo de dados e informações para análises mais completas e que deem conta da complexidade que o tema carrega.

É certo que o discurso ufanista de que as novas tecnologias e a internet, em especial, cumpririam um papel democratizante no acesso à produção e fruição cultural não tem sido verificado efetivamente, ao menos no que se refere à economia do livro. Nesse sentido, não se pode negar ou afirmar o potencial democratizante que o acesso à internet carrega; contudo, é evidente que as regulamentações precisam avançar no sentido da proteção de dados de seus usuários, para que estes possam desfrutar de maneira integral

do espaço virtual, de suas ferramentas e oportunidades. Filtros como os *gatekeepers* reduzem as opções dos usuários, delimitando seu acesso aos serviços e produtos culturais disponíveis, o que impacta as relações culturais. Outro fator limitante é o acesso à internet, que, apesar de ter números crescentes ao longo das últimas análises, ainda necessita progredir na sua difusão para a população brasileira socialmente mais vulnerável.

As novas tecnologias e o comércio eletrônico impactaram a cadeia produtiva do livro de maneira muito profunda, afetando hábitos culturais e até mesmo a dinâmica urbana das localidades, na medida em que têm criado o efeito perverso de fechamento de livrarias. O mercado editorial e de livros em geral não tem tido condição de superar os problemas decorrentes das transformações tecnológicas, assimilando uma série de resultados negativos, como demonstrado anteriormente, com queda nos percentuais de venda de livros, apesar do aumento da participação de livrarias virtuais e de outros segmentos relacionadas à internet.

Nem mesmo as grandes livrarias e editoras, que dispõem de recursos, estão resistindo ao cenário atual. Além disso, as editoras e livrarias de pequeno e médio porte não estão acompanhando as novas relações inseridas na cadeia produtiva, contribuindo para o declínio e a escassez desses equipamentos culturais. Considerando os altos custos de capitalização das plataformas digitais, que requerem investimento em contratação de serviços especializados e geram custos pelo aumento na oferta de prestação de serviços, é evidente que os elos mais "fracos" da cadeia produtiva são afetados. Em contrapartida, editoras colaborativas e clubes de livro por assinatura estão se inserindo no mercado recentemente. São resultados das adaptações que os comerciantes propõem para "contornar" o avanço das novas tecnologias. Desta forma, necessitam de análises e acompanhamento do seu desenvolvimento.

Por fim, os poderes públicos parecem estar ainda distantes da compreensão desses problemas, patinando na definição de marcos

legais que supram as novas demandas referentes aos direitos autorais, ou até mesmo uma melhor regulamentação do comércio eletrônico e, principalmente, que desenvolvam políticas públicas com efetividade na produção literária, na comercialização dos livros e nos hábitos de leitura.

REFERÊNCIAS

BANCO NACIONAL DO DESENVOLVIMENTO. *Cadeia produtiva do livro no Brasil*: infográfico. Rio de Janeiro: BNDES, 2016. Disponível em: https://bit.ly/2V2KBme. Acesso em: 28 jan. 2020.

CHOAY, F. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade: Unesp, 2006.

COELHO, T. *O que é indústria cultural*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

FERNÁNDEZ, P. E. Gestión de la cultura literaria desde la economía política de la comunicación y la cultura: desafíos en la era digital. *Question*, Buenos Aires, v. 1, n. 46, p 343-360, 2015. Disponível em: https://bit.ly/3b65OBB. Acesso em: 9 ago. 2019.

FERREIRA, F. C. M.; MIRANDA, L. F. M.; MORAS, M. Impacto dos e-books na cadeia editorial brasileira: uma análise exploratória. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 58, n. 5, p. 494-505, 2018. Disponível em: https://bit.ly/3emSPNY. Acesso em: 24 jan. 2020.

IBGE. *Perfil dos estados e dos municípios brasileiros*: cultura: 2014. Rio de Janeiro: IBGE, 2015. 103 p. Disponível em: https://bit.ly/2RzNLMp. Acesso em: 8 ago. 2019.

MELLO, G. Desafios para o setor editorial brasileiro de livros na era digital. *BNDES Setorial*, Rio de Janeiro, n. 36, p. 429-473, set. 2012. Disponível em: https://bit.ly/2VszJNo. Acesso em: 8 ago. 2019.

NÚCLEO DE INFORMAÇÃO E COORDENAÇÃO DO PONTO BR (ed.). *Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros*: TIC domicílios 2018. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2019. Disponível em: https://bit.ly/3cgiztc. Acesso em: 20 mar. 2020.

PESQUISA mostra que o Brasil perdeu 21 mil livrarias nos últimos 10 anos. *Publishnews*, São Paulo, 10 dez. 2018. Disponível em: https://bit.ly/3ej1Ffp. Acesso em: 28 jan. 2020.

PRODUÇÃO e vendas do setor editorial brasileiro: ano-base 2015. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, [2015]. Disponível em: https://bit.ly/3bihpxa. Acesso em: 20 mar. 2020.

PRODUÇÃO e vendas do setor editorial brasileiro: ano-base 2018. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, [2019]. Disponível em: https://bit.ly/3b8bJFZ. Acesso em: 11 de ago. 2019.

VALOR ONLINE. Em recuperação judicial, Saraiva tem prejuízo de R$ 106,9 milhões em dezembro. *G1*, Rio de Janeiro, 4 fev. 2019. Disponível em: https://glo.bo/39ZmVna. Acesso em: 28 jan. 2020.